

## BIBLIOTERAPIA E PSICOLOGIA

### BIBLIOTHERAPY AND PSYCHOLOGY

<sup>1</sup>BERGAMO, T. T.; <sup>2</sup>OLIVEIRA, F. S.

<sup>1e 2</sup>Departamento do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

#### RESUMO

A prática terapeuta da biblioterapia é uma técnica antiga que se apresenta contemporaneamente como um recurso pouco explorado pelos profissionais da psicologia. O trabalho oferecido por essa terapia tem por finalidade de se utilizar da leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental. É aplicada como educação e reabilitação em indivíduos em diversas faixas etárias. Este estudo terá como objetivo descrever os benefícios da utilização da prática terapêutica da Biblioterapia, bem como demonstrar sua importância na exploração da virtude de ser clínica. Assim ajudando estudantes a conhecer melhor a prática, também possibilitando um aumento ao incentivo para maior exploração da área pelos profissionais já graduados, enriquecendo o campo de pesquisa sobre essa terapia e orientando pessoas interessadas em melhor entender o efeito que a leitura de textos literários pode trazer quando utilizados dentro de uma terapia. Por fim ficou perceptível a necessidade da ampliação de estudos na área, já que ainda é um instrumento não muito utilizado no campo da psicologia. A pesquisa foi desenvolvida através de uma coleta de material bibliográfico.

**Palavras-chave:** Biblioterapia. Psicoterapia. Psicologia.

#### ABSTRACT

The therapy practice of bibliotherapy is an ancient technique that presents itself as a contemporaneity resource underexplored by professionals of psychology. The work offered by this therapy has for purpose to use the reading and other recreational activities as an adjunct in the treatment of people affected by disease physical or mental. It is applied as education and rehabilitation in individuals at different ages. This study will aim to describe the benefits of using the therapeutic practice of bibliotherapy and demonstrate its importance in the exploration of the virtue of being clinical. So, helping students to understand better the practice, also allowing an increase the incentive for further exploration of the area by professionals already graduated, enriching the field of research on this therapy and guiding people interested in understand better the effect that reading literary texts can bring, when used in therapy. Finally, it became apparent the need to expand studies in the area, as it is still an instrument not often used in the field of psychology. The survey was developed through a collection of bibliographic material.

**Keywords:** Bibliotherapy. Psychotherapy. Psychology.

#### INTRODUÇÃO

O ser humano vive em uma contante busca de satisfação pessoal e quando este foco não é alcançado, uma maneira de se chegar mais próximo e esclarecer este objetivo é optar por uma terapia. Na psicologia é essencial oferecer um atendimento de qualidade ao paciente que procura a clínica, levando isso em consideração segundo Cordioli e Giglio (2008) o psicólogo tem a disposição mais de quatrocentos tipos diferentes de psicoterapias, diante de tantas formas de execução deste atendimento, qual seria a melhor?

Mezan (1996) apresenta a definição para termo terapia, sendo empregada como cuidado e diz que o terapeuta precisa buscar a melhora de seu paciente e não uma cura, salientando a importância que cada terapeuta deve dar para a técnica na qual acredita. Seguindo essa mesma linha Cordioli e Giglio (2008) explica a Teoria da Especificidade, que tem modelos que cada escola de pensamento da psicologia precisa seguir para que sua psicoterapia se enquadre, e a Teoria de Fatores inespecíficos, que considera que existem fatores comuns entre todas as psicoterapias e o que importava mais no atendimento é uma boa relação humana, também ressaltam que a psicoterapia é aquela que se dedicará ao tratamento das doenças nervosas e mentais. Sendo que a psicoterapia só se efetiva ou funciona quando há entre terapeuta e paciente uma relação de confiança, por um lado, alguém que se dispõe a ajudar e por outro, alguém que confia que o método utilizado dará certo e ajudará em seu sofrimento; com isso o terapeuta só precisará escolher em qual das teorias se aprofundar. Em meio a essa diversidade de métodos terapêuticos oferecidos no campo da psicologia, a biblioterapia está longe da maioria das escolhas e do conhecimento de muitos profissionais da área.

Biblioterapia tem como definição um termo advindo das palavras latinas, livro e tratamento. Biblio refere-se à raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura; e terapia significa cura ou restabelecimento (FERREIRA, 2003). O trabalho oferecido por essa terapia tem por finalidade se utilizar da leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental. É aplicada como educação e reabilitação em indivíduos em diversas faixas etárias.

Diante disso, podem surgir questionamentos, o uso dessa prática é viável para a psicologia? Será que os pacientes submetidos a este tipo de terapia se adaptariam facilmente a essa prática pouco conhecida? Os resultados são os mesmos de outras terapias? A psicologia tem desenvolvido bem esta prática terapêutica?

Visando esta problemática, este trabalho teve o objetivo de enriquecer o campo estudado, descrevendo os benefícios da utilização da prática terapêutica da Biblioterapia dentro da Psicologia, bem como demonstrar sua importância na exploração da virtude de ser clínica e restabelecedora. Assim ajudando estudantes universitários a conhecer melhor a prática e também aumentar o incentivo para

maior exploração deste pelos profissionais já graduados nesta área da Psicologia, enriquecendo o campo de pesquisa sobre essa terapia e orientando pessoas interessadas em melhor entender o efeito que a leitura de textos literários pode trazer quando utilizados dentro de uma terapia.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Literatura E Psicanálise**

Estamos em contato com a literatura desde nossa infância, ouvimos histórias que acompanham nosso crescimento, vemos novos mundos serem criados todos os dias por mentes criativas, viajamos pelos lugares mais fantásticos, sofremos junto aos personagens e também nos alegramos com eles. Pensando nesse aspecto e na junção da literatura com a psicanálise, primeiramente podemos esclarecer sobre a literatura, que é considerada difícil de definir, já que pode ter diferentes significados dependendo de onde é colocada ou usada. Temos a definição do Pequeno dicionário da língua portuguesa (LUFT, 1987, p. 347) que nos traz a literatura como “Arte de produzir obras literárias” e “Conjunto de normas a que obedece a estruturação das obras de arte verbal”.

Especificando melhor a literatura pode significar algo escrito de forma simples, como um verso e uma prosa, pode também expressar grandes ideias em textos considerados de grande importância, como leis, momentos históricos, textos de mérito, ou podem citar simples verbos. O interessante da literatura, é que pode ser considerada de forma muito ampla, muito abrangente, sendo definida até como neutra, como uma arte verbal; percebemos então que a literatura também pertence aos campos da arte, expressada artisticamente por meio das palavras. A forma como a literatura se diferencia da pintura, escultura ou dos sons musicais contrasta com aquilo que até então conhecíamos como arte (DANZIGER; JOHNSON, 1984).

Em 1978, Read (1978) já nos traz aspectos de que a literatura também precisa ser vista como arte, segundo o autor a importância da arte na vida do ser humano é indispensável e que as palavras e a música também devem compreender o campo das artes. Completa explicando que “a obra de arte é de certo modo liberação da personalidade; normalmente os nossos sentimentos estão inibidos ou reprimidos” (READ, 1978, p. 31), ressaltando que os artistas tentam transmitir a sensibilidade que os acometem. Sendo assim, as palavras e os textos

literários teriam essa mesma função, passar a quem lê algo para além do significado das palavras, uma experiência vista pelo olhar do outro. Ferraz (2009) também pensando na expressão e significado que a palavra traz, diz que a literatura fala de assuntos muitas vezes taxados pela sociedade, explicando de forma mais acessível aspectos que são censurados pelos meios de comunicação, ou seja, trabalha os tabus, o que é proibido, mas mesmo assim desejado. Isso é explicado por Freud ([1912-1913]/1996) em seu texto “Totem e tabu”, no qual relaciona a vida dos primitivos com as fantasias que criamos para nos protegermos do desejo, percebendo que não houve grandes mudanças entre a forma como os primitivos agiam diante de seus tabus e como a sociedade atual age diante disso. Lembrando que o autor diz que nos utilizamos de nossos totens como uma defesa, já que está ligado a questões misteriosas, que não questionamos.

Por isso, podemos refletir que a psicanálise e a literatura trazem aspectos que fazem nós, seres humanos, repensarmos sobre a forma como vivemos e o que nos torna saudáveis. A partir daqui já podemos começar a pensar sobre a junção da literatura e psicanálise, que configura (quem configura?) aspectos terapêuticos fundamentais para uma relação clínica, pois nos dias de hoje, a procura por atendimentos terapêuticos psicológicos se dá por um momento de sofrimento pelo qual o sujeito está passando. Para isso o terapeuta precisa estar preparado e bem fundamentado, entendendo como essa junção de literatura e psicanálise pode dar certo, passando confiança ao paciente no processo terapêutico, que é considerada por Cordioli e Giglio (2008) essencial para manutenção de vínculo e obter progresso na terapia. O paciente perceberá que sua queixa será atendida e trabalhada por um profissional que realmente entende essa combinação, e que saiba relacionar a literatura escolhida com os momentos de sofrimento trazidos pelos pacientes.

Fortalecendo mais essa relação vale explicar mais sobre a psicanálise, segundo Atkinson et al. (2009) a Psicanálise surge no finalzinho do século XX, em que Freud se baseando no conceito de inconsciente, cria sua teoria. A ideia de Freud era que nossos comportamentos, pensamentos, atitudes, desejos, impulsos, emoções e motivações, não ficam no campo da nossa consciência, já que são inconscientes. Isso se dá pelo fato de que desejos não aceitos pela realidade da sociedade muitas vezes punidos ou proibidos são afastados de nossa percepção consciente, tornando-se parte de nosso inconsciente, mas ainda influenciando em

nossas escolhas. Esses pensamentos seriam afastados principalmente na infância, quando estamos aprendendo sobre as regras e imposições da sociedade. Como não temos acesso a esse conteúdo, expressamos esses pensamentos inconscientes através de sonhos, erros de linguagem e alguns determinados comportamentos.

Freud usava o método da associação livre para trazer alguns desses conteúdos à consciência, o paciente ia falando quaisquer coisas que viesse a cabeça, de modo livre, sem um tema ou proposta específica. Propunha que além de todas as ações psicológicas terem uma causa, isso se daria principalmente por impulsos insatisfeitos e desejos conscientes que surgiriam na fala do sujeito de forma inconsciente durante sua associação livre. Diz que a psicanálise é diferente das outras ciências por ser uma troca entre terapeuta e paciente, que as palavras têm uma função muito além da comunicação, ela revela nosso ser, mostrar nosso verdadeiro eu (FREUD [1915-1916]/1996).

Atkinson et al. (2009) ainda nos explicam que a técnica psicanalítica foi desenvolvida como um modelo estrutural para explicar melhor o comportamento humano através de sua personalidade, sendo divididos em: id “a parte mais primitiva da personalidade e a partir da qual o ego e o superego se desenvolvem posteriormente” (ATKINSON, 2009, p. 477). O ser humano possui seus instintos de sobrevivência e aspectos psicológicos herdados, como o id é só pulsão, esse procura a satisfação de qualquer jeito possível, de forma imediata, funcionando então pelo chamado princípio do prazer.

Em seguida temos o ego, explicado por Hall e Lindzel (1984) como um funcionamento que só existe por haver aspectos dentro de nós, nossas atitudes e pensamentos que precisam de um filtro para estarem em contato com a realidade. Se diferenciando do id por poder fazer a distinção do que é a realidade subjetiva da mente, com as coisas reais que estão no mundo exterior. O ego trabalha em função do princípio da realidade, ele só atenderá o que realmente tem necessidade, sendo permitido no mundo exterior. Utiliza-se da energia do id, nunca se tornando independente dele, fazendo então o intermédio entre as exigências instintivas do organismo e as condições de ambiente.

Por último temos o superego que é o responsável por determinar que tipo de ações são certas ou erradas, Atkinson et al. (2009) comentam que esta instância psíquica tem como base as regras, valores e costumes da sociedade. Aqui há mais

uma busca por seguir essas regras, ser um sujeito perfeito, do que satisfazer impulsos. Hall e Lindzel (1984) acrescentam que se tem um conhecimento do que é ideal através das punições e gratificações que recebe por suas ações, quando então gratificado registrará em sua consciência o que seria o ideal de ego, algo correto que deve ser espelhado e seguido. Esse mecanismo de identificação o ideal de ego seria onde a criança percebe quais seriam as formas adequadas de se viver, a partir daquilo que é apresentado por seus pais. Aqui a criança se identifica com suas figuras importantes, pessoas que podem oferecer um modelo de vida, de como se deve ser.

É preciso se atentar na diferença entre ego ideal e ideal de ego, já que ego ideal é a onipotência que o bebê acredita ter, sendo o momento em que a criança se sente realizada em relação à forma como ele e a mãe estão juntos, como que complementa-a e não precisa de mais nada. Já o ideal do ego, pelo contrário, como já explicado, é um conjunto de significado, nessa situação a criança descobre que existe mais um na relação, alguém com força suficiente para separar essa relação simbiótica que possui com a mãe, alguém que pode apresentar o mundo fora dessa relação, apresentar à criança a cultura. Explicando em outras palavras o ideal de eu, temos Hall e Lindzel (1984, p. 34) que diz sobre a criança:

Ela introjeta os imperativos morais dos pais, por meio dos investimentos originais, porque os vê como agentes da satisfação de necessidades. A criança investe ideais dos pais que se transformam em seu ideal de ego; ela investe suas proibições, que vão se transformar em sua consciência.

Com isso podemos fazer uma união entre a psicanálise e a literatura, onde o sujeito ou a criança que então entra em contato com as palavras, poderá se utilizar dos aspectos trazidos pela história como seu ideal de ego, algo que deve ser espelhado e reproduzido, algo que traz o ensinamento do que é bom e do que é ruim. Ao ler um livro, um conto, um texto ou até mesmo um poema, o sujeito consegue se colocar dentro do momento relatado e vivenciar as experiências contadas como se fossem suas, como num espelho, da mesma forma que apreende coisas com seus pais.

Alice Bryan (apud SHRODES, 1949, p. 332), diz que a literatura é terapêutica, e a define como biblioterapia onde o terapeuta prescreve textos, livros, materiais de leitura que trazem a saúde psíquica e a maturação do ser através da escolha de um tipo de leitura como, por exemplo; romances, poesias, peças,

filosofia, ética, religião, arte, história e livros científicos, pensando que a literatura ficcional como um meio de afetar o ajustamento total do indivíduo. Com isso o paciente poderia se achar em seu ser emocional e psicológico, este então refletirá sobre o conto e junto ao personagem perceberá que há mais de uma solução para suas problemáticas, colocando como num espelho as dificuldades que tem com as dificuldades encaradas dentro do conto. Uma troca com o outro.

## **Biblioterapia**

Essa prática terapêutica da biblioterapia, já está presente no meio em que vivemos desde muitos séculos atrás como Ouaknin (1996, p. 27) alega “A biblioterapia, uma novidade? Nem um pouco! Quanto mais longe retornarmos na História, mais encontraremos esta intuição da virtude terapêutica do livro e da narrativa”.

Podemos encontrar a importância que a leitura tem como terapia desde as bibliotecas faraônicas, no antigo Egito, o Faraó Ramsés II mandou gravar na fachada de sua biblioteca “Remédios para a alma” (ALVES, 1982, p. 55), bem como todas as bibliotecas egípcias que ficavam localizadas em templos denominados de “casas de vida” como locais de desenvolvimento do conhecimento e da espiritualidade (MONTET, 1989, p. 67). Entre os romanos do primeiro século podemos encontrar Aulus Cornelius Celsus que indicava a leitura e a discussão como processos terapêuticos, com isso na cidade de São Galo a Abadia de São Gall, na idade média, tinha a inscrição: “Tesouros dos remédios da alma” nas portas de sua biblioteca.

Assim com o decorrer do tempo como houve o desenvolvimento da biblioterapia nos Estados Unidos, que se iniciou por volta de 1800, sendo Bejamim Rush um dos primeiros americanos a recomendar leitura para doentes mentais e como um apoio a psicoterapia, direcionada a também pessoas portadoras de conflitos internos, melancolia, medos, manias e como ajuda para os idosos, descrever os benefícios da prática em seu livro "Medical inquiries and observations upon the diseases of the mind" (ALVES, 1982, p. 55).

Com o seguimento dos estudos nesse contexto na década de 1930, de acordo com Hasse (2004, p. 31) “a Biblioterapia passou a ser um assunto de pesquisa científica, tendo um papel importante a biblioterapeuta Emma T.

Foremam que insistiu que a técnica fosse vista e estudada como ciência e não como arte”.

A publicação de trabalhos relacionados a terapia com livros aumentou a partir da década de 30, diversos outros autores tentaram esclarecer a definição do termo, mas somente o “Webster’s Third Internacional Dictionary”, em edição de 1961 apresentou a seguinte definição: “Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia”, além de “Guia na solução de problemas pessoais através de leitura dirigida” (RATTON, 1975, p. 199), sendo esta última definição adotada como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições.

Nas décadas seguintes a biblioterapia continuou em constante evolução como específica Seitz (2006, p. 159):

Na década de setenta, muitos avanços foram alcançados no sentido de proporcionar uma base muito ampla para o desenvolvimento da biblioterapia como um campo a ser explorado por médicos, psicólogos, bibliotecários, educadores e outros profissionais que se engajavam na busca de registrar os benefícios da mesma, quando aplicada a diferentes tipos de clientela. Já, as décadas de oitenta e noventa representaram um aprofundamento das questões teóricas até então consideradas discutíveis, surgindo a identificação de novos métodos e uma constante necessidade de pesquisas para assegurar cada vez mais suas aplicações e o delineamento de nova tendência.

Com o desenvolvimento da técnica, houve crescentes trabalhos sobre esse respeito podendo-se listar algumas atividades biblioterapêuticas contempladas em dissertações de mestrado, que mostram o quanto esta prática esta se desenvolvendo, mesmo que muitos psicólogos não a utilizem por desconhecê-la fica perceptível que está ganhando força e se desenvolvendo cada vez mais.

Silva (2005) verificou através de diversos questionamentos a produção documental sobre biblioterapia no Brasil concluindo que, apesar de a biblioterapia ser um objeto de investigação pouco divulgado, existe uma produção documental significativa consistindo a prática biblioterapêutica uma atividade prioritariamente nas áreas de biblioteconomia e da psicologia, alegando a importância social que esta terapia pode proporcionar.

Devido a diversidade alcançada pela biblioterapia podemos assim identificá-la como uma técnica multidisciplinar, abrangendo a Psicologia, Medicina e Biblioteconomia, entre diversas outras ciências, como um processo interativo,



resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo e inclui todo tipo de material, inclusive os não convencionais. Com isso podemos pensar que qualquer ser humano poderia fazer uso dessa técnica, em creches, escolas, orfanatos, centros comunitários, prisões, hospitais, casas de repouso, asilos. Não há restrições de idade. Nem de público-alvo. Crianças, jovens, adultos, idosos, portadores de deficiências, doentes crônicos, dependentes químicos – todos são merecedores dos efeitos benéficos da leitura (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006).

Pintos (1999) têm o objetivo mostrar, que a leitura é também um recurso para uma possível ajuda terapêutica em um caso clínico, valorizando as reflexões obtidas dos livros. Cita que os recursos literários atuam entre ajudar a chegar a uma possível restabelecimento e sarar. O restabelecimento é conduzido pelo terapeuta e o sarar é conduzido pelo próprio indivíduo, ambos se complementam para o equilíbrio da saúde física e psíquica. O terapeuta conhecendo o perfil de seu paciente procura relacionar a literatura com algo que leve o paciente a meditar sobre os fatos que estamos submetidos todos os dias, assim a biblioterapia constrói uma leitura impactante. Alguns pacientes do autor conseguiram transformar totalmente seu modo de vida ou pensamentos, indivíduos antes pessimistas, passaram a ter pensamentos positivos, deixando de serem vítimas para serem os autores principais de sua história.

Entretanto Pintos (1999) também relembra que embora o livro seja uma técnica e um método poderoso não deve substituir uma terapia em si, pois é uma ferramenta de auxílio, assim como os testes quando utilizados.

Lucas, Caldin e Silva (2006) relatam que a biblioterapia possui componentes terapêuticos, como: a catarse, que seria um equilíbrio dos sentimentos, algo modera exaltações; o humor, que seria uma busca pela transformação da dor em em prazer, considerando que o riso é tão necessário quanto o pensar e o falar; a identificação, que é construída pelas identificações processadas ao longo da vida, podendo ser respaldadas nos modelos literários das narrativas ficcionais; a introjeção, que estabelece um processo no qual o leitor/ouvinte joga para dentro os aspectos desejáveis das personagens ficcionais, vivenciando situações que na vida real não se sente apto a suportar e atribuindo qualidades do personagem da narrativa, absorvendo essas características com se fossem suas; a projeção, constituindo-se da atribuição ao personagem fictício suas dores, fraquezas e

conflitos, a fim de livrar-se momentaneamente de sentimentos que são angustiantes, com isso podendo lidar com os mesmos; a introspecção de acordo com o dicionário de filosofia significa olhar para dentro da própria mente para ver o que se passa ou sente.

Pensando em quando os livros podem ser terapêuticos Shrodes (1949) diz sobre a relação entre a psicanálise e a literatura, que este instrumento se desenvolve dinamicamente da interação da personalidade do leitor e a literatura imaginativa, assim reproduzindo no leitor de forma consciente e produtiva suas emoções. Pensando nisso a autora indica a leitura de livros ficcionais acreditando que dessa forma aspectos internos possam mudar, efetivando a terapia. Aprofundou-se na teoria da catarse de Aristóteles e explorou a teoria psicanalítica de Freud para entender a reação dos leitores frente a leitura de ficções já que a identificação com os aspectos de cada personagem, poderiam por meio dos determinantes inconscientes do comportamento ajudar nas angústias vivenciadas pelo sujeito.

A biblioteconomia é outra ciência que se utiliza dessa prática, explicada por Pereira (1996, p.33) como “Biblioterapia é uma aplicação refinada de uma função normal de aconselhamento de leitura. Por sua vez, o serviço de leituras promove o desenvolvimento de outras funções bibliotecárias.” e dita por Caldin (2010), como uma técnica que não taxa o ser, somente produzindo cuidado, sem qualquer julgamento do seja normal ou não, tendo como aplicador da técnica um facilitador que não intervém no processo catártico, de identificação ou introspecção, este deixa que as emoções surjam, não construindo um saber em si, só possibilitando ao sujeito o uso de sua criatividade. Com isso, fica perceptível uma crítica à forma como a psicologia pode desenvolver o uso dessa técnica, já que o terapeuta, segundo Caldin (2010) interferiria nesse momento de criatividade, com uma postura controladora e de sabedoria.

Mas, os profissionais da psicologia, sabem exatamente como manejar um espaço terapêutico e fazemos uso de técnicas para além da catarse, que é definida por Roudinesco e Plon (1997, p. 107) “chamam de método catártico o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados”, sendo visto como base por muitos autores citados neste artigo. Ao contrário destes pode-se dizer que a psicanálise por si só, é método que

proporciona a criação um ambiente terapêutico ideal para o desenvolvimento da biblioterapia, já que temos aspectos importantes para oferecer ao sujeito, como uma escuta diferenciada e um espaço de tratamento da angústia dos indivíduos.

Esclarecendo a crítica referida acima, sabemos que conforme descrito por Freud [1915-1916]/1996) que o paciente tem a liberdade de continuar ou não o tratamento, bem como o próprio terapeuta tem esta escolha e que em nenhum momento o terapeuta terá o objetivo de limitar seu paciente ou então de aconselhá-lo a algo. Freud ainda nos expõe que a forma como o tratamento se desenvolve não está instituída e que depende de uma abertura inconsciente, que para o terapeuta realizar uma escuta correta deve, antes de tudo, deixar de lado qualquer preconceito que tenha, para então estar disponível a escutar os detalhes particulares de cada queixa trazida, usando isso também para a escolha de uma história adequada à personalidade do paciente, já que como explicado acima quando entramos contados com as histórias ficcionais e percebemos naquelas personagens características que nos ensinam a enfrentar momentos comuns em nosso cotidiano, entra em ação nosso ideal de ego e imediatamente assimilamos o texto lido como uma experiência que deve ser espelhada e reproduzida, algo que traz o ensinamento de como as coisas podem ser feitas.

Temos então uma forma de se utilizar a técnica da biblioterapia dentro da psicologia, ficando em destaque a relevância do trabalho com livros na terapia e a importância de se conhecer terapias “antigas” que podem ter alta aceitabilidade neste mundo moderno.

## **CONCLUSÃO**

A Biblioterapia se apresenta como uma alternativa diferenciada de tratamento, cujo paciente tem a possibilidade de vivenciar diversas histórias através dos livros, entretanto, os profissionais da psicologia que escolhem utilizar a técnica terão dificuldades em encontrar fontes que auxiliem no melhor método de aplicação dessa prática terapêutica, aqui expomos uma possível forma de se trabalhar com a biblioterapia no atendimento clínico, mas ainda há a necessidade de um aprofundamento nesta proposta. Considerando isso, vê-se a necessidade do desenvolvimento de novas pesquisas no nosso meio científico possibilitando maior obtenção de conhecimento sobre esse modelo terapêutico e criando novos

trabalhos disponíveis para fundamentação.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. H. H. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.
- ATKINSON, R. L. et al. **Introdução à psicologia**: de Hilgard. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CALDIN, C. F. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto das Idéias, 2010.
- CORDIOLI, A. V.; GIGLIO, L. Como atuam as psicoterapias: os agentes de mudança e as principais técnicas de intervenções psicoterápicas. In: CORDIOLI, A. V. (Org.). **Psicoterapias**: abordagens atuais. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 42-57.
- DANZIGER, M. K.; JOHNSON W. S. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1974. Trad. de Álvaro Cabral, com a colaboração de Catarina T. Feldmann. Disponível em: < [www.ufrgs.br/proin/versao\\_1/textos/danziger.doc](http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/textos/danziger.doc) >. Acesso em: 14 abr. 2015.
- FERRAZ, P. M. **Ensaio em psicanálise e literatura**. 2009. 60 f. Monografia (Especialização em Psicologia Social e Institucional) Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15869/000691705.pdf> >. Acesso em: 14 abr. 2015
- FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação temática digital**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003.
- FREUD, S. Conferências Introdutórias sobre a psicanálise (parte I e II) (1912-1914). In: **Obras completas de Sigmund Freud**, Vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Totém e Tabu e outros trabalhos (1915-1916). In: **Obras completas de Sigmund Freud**, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HALL, C.; LINDZEL, G. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Epu, 1984.
- HASSE, M. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. 158 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. Disponível em: <[http://tede.utp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=9](http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9)>. Acesso em: 24 fev. 2014.
- LUCAS, E. R. O.; CALDIN, C. F.; SILVA, P.V. P. da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: um estudo de caso. **Perspect. ciênc. inf.** Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006.

LUFT, C. P. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. 6. ed. Rio Grande do Sul: Scipione, 1987.

MEZAN, R. Psicanálise e psicoterapias. **Estud. av. [online]**, v.10, n. 27, p. 95-108, 1996. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141996000200005>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

MONTET, P. **O Egito no tempo de Ramsés (1300 AC. a 1100 AC.)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

OUAKNIN, M. **Biblioterapia**. Trad. de Nicolas Niyemi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, M. M. G. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Universitária, 1996.

PINTOS, C. G. **A logoterapia em contos**: o livro como recurso terapêutico. São Paulo: Paulus, 1999.

RATTON, A. M. L. Biblioterapia. **Revista da escola de biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p.198-214, set. 1975.

READ, Helbert. **O sentido da Arte**. São Paulo: Ibrasa, 1978

ROUDINSCO, E.; PLON, M.. **Dicionário de psicanálise**. Paris: Zahar, 1997.

SEITZ, E. M. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. **Revista ACB**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 155-170, jan./jul. 2006. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/452/568> >. Acesso em: 29 set. 2012.

SILVA, A. M. da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SHRODES, C. **Bibliotherapy**: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) University of. Disponível em: < <http://www.worldcat.org/title/bibliotherapy-a-theoretical-and-clinical-experimental-study/oclc/10933726?referer=di&ht=edition>>. Acesso em: 28 fev. 2015.